

# A PLUME

PERIODICO COMMUNISTA-LIBERTARIO

"Independencia ou morte!" - foi o grito de ha cem annos. Mas quem a conquistou? O povo? Não. O povo, o pobre proletario ainda deve conquistar a sua independencia do jugo dos tyrannos. "Independencia ou morte!" - deve ser tambem o seu grito.

Sede: RUA BARÃO DE PARANAPUÇABA, 4 - Sala 10 Expediente à noite Caixa Postal, 195 - S. PAULO

ASSIGNATURAS

Anno 10\$000 Semestre 5\$000 Numero avulso. \$100 Pacotes: 12 exemplares, 1\$000

Correspondência: Redacção - EDGARD LE UNROTH Administração - RODOLPHO FLIPPE

1822 - 1922

## Independencia ou Morte!

Foi este o grito lançado ás margens do Ipiranga, ha um seculo, por Pedro I e que repercutindo de Sul a Norte do paiz empolgou os brasileiros no desejo ardente de se libertarem do jugo da metropole, essa dependencia oppressiva que durante seculos impediu o natural desenvolvimento economico, mental e moral a que estava fadada esta admiravel regio, por todos os titulos digna dos mais lindos destinos e dos mais elevados e generosos progressos.

Este fecundo e opulento territorio durante 3 seculo dependeu dos caprichos mais ou menos disparatados dos reis portuguezes; mas chegou o dia em que as algemas da escravidão politica se quebraram e o Brasil conquistou um lugar ao sol, no mundo das nações, pelo advento de sua maioria entre as suas irmãs do globo.

E este paiz, dono de seus destinos, neste seculo decorrido, fez progressos notaveis, desenvolvendo, criando e ampliando muitos ramos de actividade cujas prosperidades são evidentes a todos os olhares.

No ponto de vista politico tambem se operaram mudanças e transformações muito sensiveis. D. Pedro I obrigado a abdicar embarca para o exterior deixando seu filho menor entregue aos cuidados da nação para mais tarde o substituir, incerto se o tratarão melhor do que a elle. Effectivamente, vem a Republica e D. Pedro II já vai na esteira do pae a caminho do exilio, onde morreu. Houve tambem a abolição da escravatura, a mancha que mais enodava a civilização do paiz e onde mais persistiu o trafico abjecto.

Esta parte do povo como consequencia da liberdade e da Independencia politica. O que dizemos, sim, é que as vantagens adquiridas são pequenissimas em confronto, com as auferidas pelos exploradores, pelos politicos, pelos industriaes, pelos cavalheiros de industria que tanto pululam, pelas classes conservadoras, como é de uso classificar todos que tiram proveito da situação actual.

Por isso, enquanto a cataverna parasitaria festeja, glorifica, exalta a data da sua independencia e os regimens que tanto a favoreceram, os operarios, os trabalhadores, os pobres, conservando-se num recolhimento meditativo, devem pensar nòs meios de conquistar essa independencia economica tão indispensavel ao surto de seu pensamento, ao progresso de seus ideaes, á realização de suas aspirações de liberdade, de solidariedade e de fraternidade.

O povo deve tambem gritar inintermittentemente: "Independencia ou Morte!". Não essa independencia que só interessa a meia duzia de arranjanças, de aproveitadores, de ambiciosos, mas que aproveite e beneficie a todos os seres humanos, acabando as desigualdades de raças, de classes, de categorias.

Um acontecimento grandioso como esse que agora se comemora não pôde nem deve somente favorecer a classe dos mais esportos, dos mais astutos ou mais cynicos. Todo o povo deseja e batalha pela Independencia. Logo, as vantagens do seu advento deveriam tornar-se extensivas a toda a população, não de um modo indirecto ou por simples effeito reflexivo, mas de forma positiva, clara, real, effizaz.

## Ligeiras palavras sobre organizacão

Meios de acção

Muita gente tímida e retardatária, não se aventura a dar, certos nomes, adeptos de alguma sociedade extremista, que visam a remodelação social, não possuem, para fazer valer seus principios, ou tornal-os assimilaveis no meio associativo outros meios que não a violencia. Só a sua presença, em muitos casos, nos syndicatos é motivo de meios supérsticios e incompreensíveis.

Ora, não ha maior erro de interpretação do que esse. E' violento aquelle que no meio da "organização" e prepotente, que tudo leva de roldão, preconiza a solidariedade, a harmonia de vistas, a energia nos gestos, a instrução de educação que forma e desenvolve sentimentos e convicções? Será violento quem nos conflitos precisa acôrdo dignos, sem intermediarios ou que paraliza a trabalho a força das circunstancias presentes?

Positivamente: não e não. Quem produz, não se desmarca de toda a organização, força homogenea e harmonizada no sindicato, quem faz da educação o meio de libertar-se de preconceitos inveterados, não pôde ser fido por violento.

Esses homens estão, tão somente, confundidos que o entendimento entre os trabalhadores e a intelligencia dos vãos, mesmo as mais antigas, não de convergir para a acôrdo de interesses, procurando conjugar força, e no meio das lutas de opiniões procurar que os esforços de quem quer que seja, se destinem, venha a ser aproveitados no sentido de intensificar a harmonia de vistas, a conciliação continua, a firme predispor a todos á comprehensão de direitos e deveres. Dahi resulta muitas vezes a selecção dos mais capazes.

## PATRIA E ANARCHIA

Do historiado Rocha Pombo

A idéa de patria teve sempre a tendencia de fixar-se, apesar de todas as negações, como força activa da civilização.

Mas o patriotismo nada tem que ver com as theorias que consideram um determinado povo como raça superior, representando estados perfeitos da humanidade, physica, intellectual e moralmente, ou na forma a mais brutal, identificada com a theoria da selecção, que importa no extermínio e na atrophia lenta das raças tidas como inferiores. As theorias aristocraticas foram pregadas por Gabeau, theorias do super-homem, correlativas ao individualismo imperialista de Nietzsche. Mas essas theorias tiveram valor na historia antes de se constituirem em doutrina quando a terra era theatro de uma civilização especial, com limites geographicos restrictos, tendo como barreiras naturaes os continentes. Então os grandes povos da antiga civilização foram os arautos exclusivos da historia e da propria civilização, impondo-se ao mundo.

Assim foi a Grecia, e especialmente Roma.

Os processos de technica-guerreira eram privilegio nacional, mas revelavam a mais alta capacidade intellectual que se caracterizava, na historia humana, pelo genio artistico, scientifico e religioso. As qualidades mais exaltadas e sublimes do pensamento era o privilegio da raça.

Mas hoje as barreiras já foram destruidas e a época historica é uma época aberta, sendo a terra um unico palco, em que se representa um drama só da vida dos homens.

Hoje novos povos entraram na lucta, com vitalidade propria. Com as maravilhas da civilização, certamente, o sonho

de Cesar não se affirmaria jamais e calhria por terra toda a idolatria do passado e com a dispersão da humanidade nova, surgindo cheia de vida e de ideal novo e novas aspirações, tendendo á renovação - surgiu a Anarchia!

Anarchia! Ideia sublime! Tu só, como idéa, és o factor de tudo; tu és como o vapor que de dentro da machina se agita e estridula e quando irrompes da accumulacão e da compressão, pareces dizer:

— Sou a força consciente do bem; sou o progresso; não quero coacção, quero liberdade; quero ver o Sol que fecunda a terra-mãe, fonte de todas as vidas.

Sabe do ten antro de miseria, homem! Recomeça teu caminho, apposta-te da terra que o Sol vivifica. Escravo, liberta-te! Estamos no seculo XX do Christianismo e não voltaremos ao Paganismo. Não queremos um nem outro; nem Deus, nem patões, nem chefes, nem subditos. Que todos quantos concorrem para o bem-estar geral, universal, tenham direito ao conforto.

Assim fala o vapor, como se a machina inerle comprehendesse e sentisse o Sol da Liberdade. E a Historia, fala: — Quando uma idéa é agitada e discutida, tem uma bandeira, cuja sombra se recolhem os adeptos, como os christãos em torno da cruz, derrubando o paganismo, esta idéa triumphará. Assim a Anarchia.

Hoje, desde os bancos das escolas até ás Universidades, o Anarchismo se impoz pelo saber de seus philosophos, de seus artistas, de seus poetas. A Anarchia virá: assim nos diz a Historia.

MARAT

## A proposito da infancia proletaria

Fala-se por ahi que a infancia precisa de trato affectuoso e humano a fim de ella poder corresponder perfeitamente ás aspirações da sociedade no futuro, e a imprensa burgueza e mercenaria, pelas suas columnas, de quando em quando, traz umas piadas sentimentaes em rebarbativas notas fazendo ver aos seus leitores o estado calamitoso em que se encontra a infancia proletaria deste paiz e ao mesmo tempo annunciando, cheia de contentamento, a fundação desta ou daquela associação beneficente e instructiva destinada a proteger e a instruir os filhos do povo.

Dentre essas taes associações, porém, nenhuma tem appreciado até hoje a fim de realizar a obra annunciada - porque, segundo estamos vendo, a infancia proletaria continua desprotegida e abandonada, ao léo da sorte, soffrendo nesta e noutras cidades as mais tristes consequências da exploração dos proprietarios de estabelecimentos

industriaes que, mesmo a despeito do lei que prohibe a exploração do trabalho de menores nas fabricas, não se cansam de explorar o trabalho da infancia proletaria, que além de tudo, não raro é victima de desastrosos accidentes, que a imprensa registra, ás vezes, cheia de pesar, como no caso do menor devorado pelos cães de guarda da fabrica Pentecoste, de que se occupou tão sentimentemente o illustre homem de letras sr. Amado Amaral.

Assim, a despeito de haver lei especial nesse sentido, a despeito dos tão citados movimentos de philanthropia burgueza e das suas instituições protectoras, que não passam de outras tantas mentiras com que os defensores desta tão decantada ordem social procuram illudir os trabalhadores - as fabricas continuam a receber operarios menores de quatorze annos e a exploral-os indefinidamente, como se os filhos dos trabalhadores tivessem nascido apenas para ser sacrificados aos interesses das castas parasitarias antes mesmo de atingirem a maior idade!

Entretanto, tem-se falado em

DEMOCRITO

CARLOS DIAS

fundação de hospítios para crianças, em instituição de Protecção e Assistência à Infância, como a do Rio de Janeiro e, afinal, agora tem vindo à baila, nas colunas da imprensa burguesa, o caso da recente fundação de uma associação destinada a tratar do problema da puericultura, que, segundo affirmam os propagandores dessa iniciativa, é um dos mais importantes problemas nacionais.

Que cresçam e appareçam essas associações, mas não da parte dos homens de Estado, dos exploradores, dos que politica e religiosamente vivem à custa da ignorancia e da miséria do povo, porque da parte de taes elementos os filhos dos trabalhadores nenhum beneficio têm que esperar.

E, dizendo isto, appellamos para a consciencia da classe proletaria, fazendo ver a necessidade da organização de seus elementos para a lucta contra os industriaes e capitalistas, que não satisfeitos com a exploração do trabalho dos adultos, lançam suas terriveis garras sobre a infancia proletaria, mantendo-a antes do tempo para a satisfação de seus abominaveis interesses.

CAMARGO

## A festa do cão

Curiosa, estupenda, magistral a ideia da Festa do Cão, a qual, segundo affirma a imprensa burguesa, vai ser realizada com todo o esplendor por occasião da comemoração do centenário da independencia do Brasil.

O Cão, afinal de contas, ao menos por occasião da comemoração do centenário vai ter tambem, no Rio de Janeiro, o seu dia de festa, a sua apothose, a sua glorificação, devido á genial lembrança de alguns senhores burguezes que figuram entre os illustres membros da União Internacional Protectora dos Animaes!

Muito bem!

E porque não applaudir essa iniciativa? perguntamos nós—se os cães na sociedade burgueza e capitalista prestam, de facto, relevantes serviços e ainda, o que é mais importante, não deixam de superar, em parte, a acção dos soldados de policia e do exercito, com os quaes collaboram na defesa da caixa-forte da burguezia — porque, além de tudo, possuem, sobre os seus concorrentes e companheiros da especie humana a grandissima vantagem de ter o sentido olfactivo immensamente mais desenvolvido e tambem, ainda, a de se tornarem muito mais facil e barata a sua manutenção.

Depois, isto já não é tambem um facto sem precedente historico, visto já ter havido, ha pouco tempo, por occasião da guerra européa, o exemplo de concessão de titulos honorificos a cães que se tornaram notaveis pela sua «bravura» na obra de defesa da legalidade, da ordem e dos interesses da patria periclitante...

Dadas estas razões, entendemos que a Festa do Cão vem mesmo a calhar por occasião do centenário da independencia do Brasil — porque se presta bem para nos dar uma ideia perfeitamente clara do que vem os typos mais representativos a ser essa sociedade burgueza e capitalista, cujo espirito refinadamente hypocrita os leva a exhibições de coisas tão exóticas como ridiculas.

Ora, vejamos se temos ou não razão para esta affirmativa!

No Brasil, como em todas as nações do mundo, ha, incontestavelmente, multos milhares de seres humanos que vivem mais maltratados do que multos desses cães pertencentes ás pessoas ricas

## Canção nocturna

Noite quente...  
Em paz,  
vagueia, lentamente,  
a luz do gaz.

A rua adormecida  
é um cemiterio...  
Mas a luta é renhida  
no outro hemispherio!

Em vindo o Sol de novo,  
surge o rumor,  
circula a vida, o povo,  
a velha dor!

Oh, não! que a dor não dorme;  
cabeça agou,  
hája tristeza enorme,  
ahi por fora!

Nas pedras da calçada,  
nos bancos do jardim  
a gente desgraçada  
espera por seu fim!

Num leito imundo,  
sem amor, sem carinho  
um vagabundo  
morre sozinho!

Outros de fome e frio  
pedem-se a gemer...  
E o amparo vem tardio,  
quando se quer viver...

Quer seja noite ou dia,  
ao lado da ventura  
ha sempre uma agonía  
obscura.

Ha ricos leitões  
e pedes de verão;  
mas ha catres estreitos  
e ha quem durma no chão!

Lá onde a dormir se tarda  
ha luz e festa e canto:  
na logrega mansarda  
samente o pranto!

Melhor trato dos nobres  
têm os luzidos cães  
do que as mulheres pobres  
ao serem mães!

"E' o contraste da sorte",  
dizem, a custo;  
"é o direito do forte",  
responde, o justo.

Quanta desgraça,  
quanto mal  
na existencia que passa  
por este val...

Em toda a terra immensa  
não se ajusta a cubita  
da gente que não pensa  
na justiça!

Mas a prisão nefasta  
odio produz...

E' o que contrasta  
capalha luz...  
Os innocentes  
que a loi alcança  
não combatem  
da Grande Alliança!

E' assim que vejo  
num tragico tropel,  
nos atos, um cortejo  
revel...

E' a grande massa  
que, em bando,  
como um cyclone, passa  
vociferando!

Arrasa e assusta,  
feroz,  
e nada a suata  
na carreira veloz!

Rompê as barreiras,  
forma Conselhos  
e destrai as bandeiras  
de farrapos vermolhos...

E o incendio esturje  
como um vulcão,  
emquanto ruga  
a multidão!

Com taes visões hediondas  
á praia chego  
e firo ouvindo as ondas  
em socego...

Os autos vão passando  
com estalido  
levam grupos cantando  
Sambas de amor...

São infelizes  
de máis destinos:  
noctambulas, atrizes,  
libertinos!

E' com pezar humano  
que, á beira-mar,  
escuto o oceano  
solgar.

E o mar me fala, frite  
em seu guaiar profundo:  
tudo que existe  
quer ser livre no mundo!

Minha acieidade  
tambem me diz:  
ninguém, sem liberdade,  
será feliz!

Tambem a dor, um dia,  
não será nada  
ante a ategria  
da barriçada!

Rio, 921. JOÃO RUSO

## DUAS GRANDES ABERRAÇÕES

Em 1914, no começo da hedionda guerra européa, alguns individuos ditos anarchistas, e alguns de grande talento, ou por medo o receio das perseguições burguezas, ou pelo despertar subitum do patriotismo a custo abafado, esqueceram o papel de pacifistas que lhes cabia e fizeram o jogo dos patriotas, adherindo á guerra, justificando-a e incitando os trabalhadores a irem para as fronteiras matar os trabalhadores dos outros paizes, emquanto as classes parasitarias banham as mãos de contentes, vendo os touros de palanque, assistindo á briga dos galos, fazendo altos negocios com a immensa carnificina.

E este facto encheu de magoa todos os anarchistas que permaneceram firmes em seus postos e que se viram alvo de criticas e de suspeitas de fazer o jogo dos inimigos, só porque diziam que a guerra era o mal e que nenhum paiz ganharia com ella fosse vencedor ou vencido.

Passam-se tempos e surge a Revolução Russa, facto de maior importancia na vida proletaria e da humanidade. Os anarchistas exultaram de contentamento, pois que a queda dos tyrannos russos era uma prova evidente de que todos os despotismos, mesmo os mais solidos, estavam condemnados a ruir com um fragor de terremoto. Succedeu, porém, que multos suppositos anarchistas, tomando a nuvem por juno, ouvindo falar de communismo russo, sem noção do que fosse communismo e ignorando que ha communismo christão e communismo autoritario e communismo libertario, impacientes, mais impulsivos que reflexivos, sem esperar noticias directas, veridicas, comparativas, esqueceram as suas ideias anarchistas e adherem á chamada «Dictadura Proletaria», recebendo ordens de Moscou e agindo segundo as regras indicadas pelos modernos e actuaes Césares de todas as Russias, que são os bolchevistas.

E isto foi uma aberração, a maior das aberrações. Os anarchistas não têm que adherir ao bolchevismo, uma forma de governo como qualquer outra, e nunca adheriram ao consuetudinismo quando o absolutismo cahiu, nem ao democraticismo quando o imperialismo tombou, nem á republica quando a monarchia ruíu.

Fazer o contrario disto é dar prova de que não sabem o que andam a fazer. Evidentemente, quem tiver convicções assentes, a respeito dum ideal e o propague com calor e entusiasmo e esteja completamente impregnado da sua philosophia, não o vai abandonar, só porque qual-quer acontecimento tanto ou quanto ruidoso se operou no mundo. Ao contrario, aproveita a oportunidade do ambiente para mostrar as falhas do regimen ou dos acontecimentos e faz propaganda das suas doutrinas como as mais aptas e proprias a curar o mal pela raiz.

Adherir sem, mais nem menos, abandonar, renunciar aos ideaes anteriormente defendidos, sem os ver realizados nem experimentados, é dar uma triste ideia da sua mentalidade, da sua moralidade, de seu caracter.

E todos esses individuos que abandonaram as fileiras anarchistas para cair nos braços dos bolchevistas provaram o quê? — Que não eram anarchistas de verdade, unica e simplesmente. Eram anarchistas por moda, por esporte, por dilettantismo, por vagabundagem intel-

lectual, os intellectuaes; e os outros eram simplesmente individuos facilmente e essencialmente suggestionaveis, catayentes que viram sempre para o lado de onde sopra o vento.

Em todos os tempos e em todos os partidos houve individuos que procuram nos meios operarios certo prestigio á espreita de occasião favoravel para se passarem com armãs e bagagens para o inimigo.

E os anarchistas ou supposito taes estão tambem neste mundo de luma, são filhos desta sociedade degradada e naturalmente participam em parte, das fraquezas e degradações da humana especie como qualquer outro. Elles não são santos nem heroes. São homens. E a incoherencia, o egoismo, as falsas miragens, o erro, a ignorancia são cousas humanas, demasiadamente humanas.

Dizem, gritam: o anarchismo está em crise. Não está tal. O anarchismo está de perfeita saude. Nuncas como hoje, elle attingiu tal expansão. Não ha ninguém que não pense e não aproveite da philosophia anarchista. Não existe, pois, tal crise. Existe, sim, uma crise formidavel, a peor das crises, a maior crise que já se viu: a crise de caracter! Essa é evidente e manifesta, vê-se a plena luz. E essa falta de caracter é que leva multos individuos a dar cambalhotas e saltos acrobaticos mortaes, desdizendo-se numa confusão lamentavel, numa incoherencia a toda prova. Ah! a grande aberração!

PINHO DE RIGA

## A necessidade de um Congresso

Mais de dois annos já transcorreram depois da realização do 3.º Congresso Operario Brasileiro, que foi das boas impressões causou, se bem que poucos fructos tivesse produzido.

Mas se é uma verdade que os resultados obtidos foram quasi nulos, não deixa de ser tambem a incupabilidade do Congresso neste caso. Multas soluções ali se tomaram das quaes pouquissimas se tentaram pôr em pratica.

As determinantes desta grande falta são varias e bem conhecidas, segundo cremos, as principaes foram — a perseguição policial, a indolencia dos trabalhadores e, talvez, algumas resoluções extemporaneas do Congresso, não levando em linha de conta a grande depressão que soffreu todo o operariado mundial.

As perseguições policiaes e sequentes prisões deram azo á interrupção da propaganda, principalmente na Secção do Centro, que foi a mais atingida. Entretanto, as demais secções que não soffreram as mesmas vicissitudes dormiram (e dormirão se ninguém lhes der uma sacudida...) sobre os loiros alcançados.

Ora, se por um lado podemos attribuir a cessação da propaganda á oppressão governamental, por outro devemos imputar-lha á inconstancia, á inação dos trabalhadores, principalmente daquelles que assumiram o compromisso de realizar a obra esboçada no Congresso.

Não resta duvida que talvez o Congresso tomasse algumas resoluções difficeis ou impossiveis de realizar tendo em vista as nossas possibilidades.

E' que nós, seja permitido dizel-o, temos tido o defeito de blassonar. Gritamos mais do que agimos. Principalmente nessa época em que tudo se via e se resolvia

e ás «cocotes» e que jamais são lembrados pelos senhores burguezes e politicos, senão quando chega o dia de eleição e precisam de seu voto para subirem ao poder, ou quando, tendo em vista a fundação de uma empresa industrial, precisam de explorar o trabalho alheio em proveito de sua insaciavel sede de ouro.

E os governos das nações, por seu lado, que jamais se lembram de que os trabalhadores são mais maltratados do que multos cães, não se esquecem, entretanto, de chamar-os todas as vezes que precisam de seu concurso para o preenchimento das fileiras dos exercitos que marcham para os campos de batalha!

Mas, enquanto se prepara a festa do Cão, que deverá ser estupenda, nós, os anarchistas, lembramos aos trabalhadores nacionaes e estrangeiros que quem vai pagar todos esses caprichos, todas essas loucuras, todas essas exhibições de paradas militares, banquetes e regabofes offerecidos aos parasitarios hospedes d'aquem e d'além mar somos nós, os trabalhadores; nós, os que produzimos nos campos, nas fabricas e nas officinas; nós, afinal, o que tudo fazemos, mas que nada possuímos para a garantia de nosso bem-estar e felicidade.

Assim, pois, passadas as festas, passadas as dissipações nababescas, esperemos pelo augmento de impostos e encarecimento de tudo que nos é mais necessario á subsistencia.

Hypocritas, farçantes!  
Mas, deixa estar... a lagõa um dia ha de seccar.

JOÃO PINTO

## Na Hespanha accionaria

O telegrapho divulgou ha dias, com o seu costumeiro laconismo quando se trata de factos relacionados com o movimento social, a noticia de que o camara da Angelo Pestana havia sido ferido gravemente.

Nada mais disse o despacho telegraphico. E nada mais precisava dizer para sabermos que se trata de mais um infame crime da canalha burgueza da terra dos assassinos de Francisco Ferrer.

Angelo Pestana é um activo militante do anarchismo e do movimento operario, tendo recentemente sahido da prisão, onde tem estado multas vezes.

Verificando que com a perseguição ás nossas associações, aos jornaes, com as prisões nada conseguiram, os capangas da burguezia estão agora procurando dar cabo dos militantes activos.

Angelo Pestana foi uma das ultimas victimas escolhidas.

E' mais um crime que passou a figurar no debito da burguezia.

## Para desopilar

Um bispo, em vingem pelas parochias ruracs da sua diocese, encontra um dia um pequeno guarda de porcos e trava conversação com elle:

— Tu é que és o pastor de todos estes porcos?  
— Sou, sim senhor.  
— Quanto ganhas?  
— Cinco mil réis por mez.  
— Só? E' pouco. E' tambem sou pastor mas ganho mais do que tu...  
— Decerto o senhor tem tambem mais porcos para guardar...



